

Estudos Culturais e Cultura visual ¹

Com a explosão das imagens digitais, alguns acadêmicos deslocaram sua atenção para um novo campo de estudo denominado estudos visuais. Mirzoeff (2003) define a cultura visual como uma tática ou estratégia interdisciplinar que busca estudar a genealogia, a definição e as funções dos acontecimentos visuais pós-modernos, priorizando a experiência cotidiana do sujeito e levando em consideração que o sujeito/consumidor busca a informação, o significado e o prazer conectados à tecnologia visual. Mirzoeff (2003) entende que tecnologia social é qualquer forma de aparato projetado para observação ou para aumentar a visão natural, desde a pintura a óleo, passando pela televisão até a internet. “De minha parte, acredito que a cultura visual é uma prática que tem a ver com as formas de ver, com as práticas de olhar, com os sentidos do que chamamos de espectador, aquele que olha ou vê” (MIRZOEFF, 2009, p. 70).

A cultura visual, por ser uma disciplina tática e não acadêmica, pretende ir além dos limites demarcados pelas disciplinas acadêmicas tradicionais propondo interagir com a vida cotidiana dos indivíduos, de certa forma seguindo o caminho dos estudos culturais, iniciados na década de 1960, que promovem crítica ao modelo acadêmico existente.

A partir dos anos 1960, as universidades norte-americanas foram ocupadas por movimentos populares chamados *Cultural Studies*², que objetiva inserir os movimentos sociais – como o Movimento Negro, o Movimento Feminista, o Movimento Gay e Lésbico – no contexto acadêmico para desconstruir o modelo binário existente à época. Esses movimentos conhecidos como movimentos de contracultura são caracterizados pela contestação de valores sociais preestabelecidos e adotam uma postura de crítica radical em face da cultura convencional, que tem início por volta dos anos 1960 e se estende até a década de 1970 (HOBSBAWN, 2000; MACIEL, 1973).

A efervescência social e cultural dessas décadas promoveu diversas pesquisas acadêmicas transversais ligadas à arte e à cultura. Segundo Monteiro e Schiavinato (2008), a partir dos anos 1990, sobretudo nos EUA, desenvolveu-se um campo de pesquisa chamado de Estudos Visuais, articulando artes, comunicação, antropologia, história e sociologia. As pesquisas que daí emergiram problematizaram, numa perspectiva multidisciplinar, a centralidade das imagens e a importância do olhar na sociedade ocidental contemporânea, a forma como os diversos tipos de imagens perpassam a vida social cotidiana (a visualidade de uma época) e também a relação das técnicas de produção e circulação das imagens com o modo como são dados a ver os diferentes grupos e espaços sociais (os padrões de visualidade), propondo um olhar sobre o mundo (a visão) mediando a compreensão da realidade e inspirando modelos de ação social (os regimes de visualidade).

Por meio dos estudos em cultura visual, sabe-se hoje que os regimes de visualidade de uma cidade, por exemplo, refletem as características das pessoas que ali habitam e propõem uma comunicação por meio de simbologias que podem ser assimiladas facilmente por quem vive nela. Para Dias (2011, p. 50):

A cultura visual está associada aos estudos da cultura e do social e a várias disciplinas do conhecimento [...] Muitos teóricos da História da Arte, Artes Visuais, Sociologia, Psicologia, Semiótica, Publicidade, Informática, Cinema, Design, vêm utilizando o termo cultura visual com a intenção de incluir num

conceito comum todas as realidades visuais, as visualidades, sejam elas quais forem, que afetam sujeitos em seu cotidiano.

Com base nessas definições sobre cultura visual e imagem fotográfica contemporânea, aprofundamo-nos nas complexas teias de relações entre a fotografia, a emergente linguagem visual e as novas tecnologias para a construção de narrativas que retratem a contemporaneidade em imagens potentes. Segundo Venturelli (2004, p. 18) os artistas que criaram os movimentos artísticos do início do século XX, de modo geral, introduziram na arte o desejo pelo novo, por marcar a diferença entre eles mesmos, e principalmente rejeitavam os cânones de uma tradição determinada por uma classe social burguesa, elitista.

Etcheverry (2012, p. 111) caracteriza a fotografia experimental como diferentes formas de fotografar para obter resultados que não privilegiem a mimese do real, sendo uma forma de subverter o principal estatuto da fotografia: reproduzir fielmente a realidade que está na frente do fotógrafo. Então, os fotógrafos experimentais criam diferentes formas visuais que desafiam o olhar do espectador. A experimentação na fotografia reivindica o estatuto de arte para a fotografia, e é nessa expansão de linguagem que a fotografia se torna artística e passa a dialogar com as artes visuais.

Os fotógrafos, na atualidade, estão trilhando outros caminhos para concretizar sua produção e circular suas imagens fotográficas. O momento tecnológico atual tem influenciado na produção imagética, levando-nos a perceber o declínio do dispositivo analógico, que nesse momento se torna um fazer artesanal; e o predomínio das imagens digitais trazem o hibridismo em sua natureza. “Todo ato científico, artístico e político visa a eternizar-se em imagem técnica, visa a ser fotografado, filmado, videoteipado” (FLUSSER, 2002, p. 18).

Em virtude das várias transmutações sofridas pelo conceito de arte, artista e criação artística durante a história e em conjunto com as NTICs, o fluxo de imagens é imenso, criações e reproduções artísticas existem em diversas formas e são produzidas por pessoas que nunca se imaginaram artistas e em alguns casos são compartilhadas como arte. O monopólio das imagens não existe mais. Qualquer pessoa pode produzir ou manipular imagens e divulgá-las facilmente através das mídias sociais.

Crary (2012, p. 12) afirma: “Cada vez mais a visualidade situar-se-á em um terreno cibernético e eletromagnético em que elementos abstratos, linguísticos e visuais coincidem, circulam, são consumidos e trocados em escala global”. Essa liberdade cria uma nova percepção visual de mundo, que, para Douglas Crimp (1999), é a próxima etapa do capitalismo global, caracterizada por uma alienação ainda maior da experiência trazida pela revolução da cibernética, em que tudo deve ser desmaterializado e digitalizado para ser prontamente consumido.

Neste texto, podemos perceber a transmutação que a arte vem sofrendo no decorrer do tempo e em razão dos rápidos avanços tecnológicos que afetam as noções modernas de espaço-tempo já há muito estabelecidas. Assim, podemos afirmar que os meios econômicos e os avanços tecnológicos estão imbricados e amalgamados às transmutações artísticas em constante expansão.

Após essa breve contextualização sobre arte, podemos afirmar que passamos por mudanças nos modelos epistemológicos da visualidade iniciados por volta do século XV com a câmara escura e potencializados no século XIX pela máquina fotográfica. Entender a remodelação do paradigma figurativo, renascentista para o modelo de subjetividade e abstração visionária, contemporâneo, faz-se fundamental para entender as transmutações da arte no decorrer dos séculos a fim de conseguirmos separar a fotografia documental da fotografia artística, objeto desta pesquisa.

O papel do observador também muda completamente, sendo necessária a interpretação do objeto artístico. Existe uma enorme e atual discussão a respeito das imagens na contemporaneidade. Iremos levantar algumas ideias sobre as imagens que estão sendo discutidas no âmbito acadêmico nos dias atuais. Em próximos estudos traremos do diálogo entre Rancière e Mitchell (2015) sobre a virada pictórica.

Referências

- CRARY, Jonathan. **Técnicas do observador**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012.
- CRIMP, Douglas. Estudos culturais, cultura visual. **Revista USP**, São Paulo, n. 40, p. 78-85, dez./fev. 1999.
- DIAS, Belidson. **O I/Mundo da educação em cultura visual**. Brasília: Editora da Pós-Graduação em Arte da Universidade de Brasília, 2011.
- ETCHEVERRY, Carolina. Fotografia, história e cultura visual: pesquisas recentes [recurso eletrônico]. **Dados eletrônicos**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2012. 132 p.
- FLUSSER, Vilém. **Filosofia da caixa preta**: ensaios para uma futura filosofia da fotografia. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.
- HOBBSAWM, Eric. **O novo século**. São Paulo: Companhia das Letras. 2000.
- MACIEL, Luis Carlos. **Nova consciência/jornalismo contracultural**: 1970-1972. Rio de Janeiro: Eldorado, 1973.
- MIRZOEFF, Nicholas. **Una introducción a la cultura visual**. Barcelona: Paidós, 2003.
- _____. O direito a olhar. **ETD – Educação Temática Digital**, Campinas, v. 18, n. 4, p. 745-768, nov. 2016. ISSN 1676-2592. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/etd/article/view/8646472/14496>>. Acesso em: 27/01/2019. DOI: <https://doi.org/10.20396/etd.v18i4.8646472>.
- Programador Visual da UnB. Doutorando em Artes Visuais e Mestre em Arte Contemporânea pela linha de pesquisa, Arte e Tecnologia, da Universidade de Brasília - UnB (2019). Pós-Graduado em Relações Internacionais pelo Instituto de Relações Internacionais IREL/UnB (2020). Pós-Graduado em Análise Política e Políticas Públicas pelo Instituto de Ciência Política - IPOL/UnB (2018).